O cartel e a formação na ética do desejo[1]

Ruben Artur Lemke

Resumo

O artigo pretende indicar a importância do cartel para a formação na ética da psicanálise. A estratégia adotada consiste em cotejar algumas coordenadas da teoria do desejo em relação ao saber com os princípios de funcionamento do cartel: a norma de composição, a lógica da dissolução, a função do mais-um, o risco da produção e a responsabilidade solidária. A partir da constatação de que esses princípios coadunam com as coordenadas do desejo, o artigo conclui que o cartel é fundamental para uma formação psicanalítica, pois há uma dimensão coletiva necessária a produção do conhecimento e a experiência do trabalho com outros é essencial para uma formação ética.

Palavras-chave:

Cartel; Formação do analista; Ética do desejo.

The cartel and training in desire ethics

Abstract

This paper aims to demonstrate the importance of the cartel for training in the ethics of psychoanalysis. The adopted strategy consists of comparing certain coordinates of the theory of desire regarding knowledge with the operating principles of the cartel: the rule of composition, the logic of dissolution, the function of the plus-one, the risk of production, and shared responsibility. Based on the observation that these principles align with the coordinates of desire, the article concludes that the cartel is fundamental to psychoanalytic formation, as there is a collective dimension necessary for the production of knowledge, and the experience of working with others is essential for ethical training.

Keywords:

Cartel; Analyst training; Ethics of desire.

1 Versão ampliada do trabalho apresentado no XXV Encontro Nacional da Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano – Brasil (EPFCL-Brasil): "A formação do analista: urgência de nossa época".

El cartel y la formación en la ética del deseo

Resumen

El artículo se propone señalar la importancia del cartel para la formación en la ética del psicoanálisis. La estrategia consiste en cotejar algunas coordenadas de la teoría del deseo en relación con el saber con los principios de funcionamiento del cartel: la norma de composición, la lógica de la disolución, la función del más-uno, el riesgo de la producción y la responsabilidad solidaria. A partir de la constatación de que estos principios coinciden con las coordenadas del deseo, el artículo concluye que el cartel es fundamental para la formación psicoanalítica, pues existe una dimensión colectiva necesaria para la producción del conocimiento, y la experiencia del trabajo con otros es esencial para una formación ética.

Palabras clave:

Cartel; Formación del analista; Ética del deseo.

Le cartel et la formation à l'éthique du désir

Résumé

L'article vise à souligner l'importance du cartel pour la formation à l'éthique de la psychanalyse. La stratégie consiste à confronter certaines coordonnées de la théorie du désir liée au savoir aux principes de fonctionnement du cartel : la règle de composition, la logique de la dissolution, la fonction du plus-un, le risque de la production et la responsabilité solidaire. En partant du constat que ces principes s'accordent avec les coordonnées du désir, l'article conclut que le cartel est fondamental pour la formation psychanalytique ; il existe en effet une dimension collective nécessaire à la production de la connaissance, et l'expérience du travail avec autrui est essentielle à une formation éthique.

Mots-clés :

Cartel ; Formation d'analyste ; Éthique du désir.

Introdução

Uma formação em psicanálise é em primeiro lugar uma formação ética, que é necessária para sustentar a função do sujeito suposto saber na transferência. Se no plano do saber o engano da suposição é operativo, se faltar consistência quanto ao plano da ética, a função do engano vira fraude, afirma Lacan (1980a). E é pelas coordenados do desejo que o analista pode situar o sentido ético de sua ação, na qual tem alguma liberdade tática e estratégica, mas nenhuma liberdade em sua política, que é a política da falta-a-ser (Lacan, 1958/1998). Se é na análise que se dá o processo de restruturação do desejo que permite alguém operar em sua falta-a-ser, qual a importância para uma formação ética, em participar de uma Escola de psicanálise e da relação de um analista em formação com seus pares? Qual a importância do cartel, que é o órgão de base proposto para o trabalho teórico na Escola? O cartel é um dispositivo que contribui para uma construção de saber imanente à ética da psicanálise?

Para desenvolver essas questões, o artigo delimitará três coordenadas da teoria do desejo, e o que elas implicam na relação do analista com o saber, para então cotejar essas coordenadas com os princípios de funcionamento de um cartel. A primeira, é a noção de que a subjetivação da finitude é necessária para se "situar no desejo", que Lacan relaciona com o ser-para-a-morte, em uma leitura ontológica da castração freudiana. A segunda é a ideia do desejo como algo a se sustentar em seu estado de abertura. É dessa forma que é representado no grafo do desejo e é nesse sentido que se pode entender a regra expressa por Lacan (1958/1998) de não atender à demanda.[2] É também nesse ponto que se inscreve a "ética convertida ao silêncio" do analista (Lacan, 1961/1998, p. 691). A última coordenada é a noção de que o desejo produz uma abertura temporal que compõe um horizonte possível de realização do ser. Essas três coordenadas amarradas pela função de "sustentação" compõem a arquitetura da ética do desejo.

As coordenadas do desejo e a ética da psicanálise

No seminário *O desejo e sua intepretação*, Lacan (1958-1959/2016) afirma que conduzir uma análise não é restituir um parâmetro de realidade baseado no saber acumulado, mas é pelas coordenadas do desejo que um analista pode entender o sentido de sua missão. Ao se interrogar sobre a formação do desejo do analista no seminário *A transferência*, Lacan (1960-1961/2010, p. 136) coloca a questão nesses termos: "se a castração é aquilo que se deve aceitar no último termo da análise, qual o papel da cicatriz da castração no *érôs* do analista"? A seguir, retoma o tema das coordenadas e propõe situar o desejo do analista a partir da topologia que já

2 O que equivale a dizer não produzir obturação à abertura do desejo.

esboçou pelas balizas do desejo, que podem "definir, e em termos de longitude e latitude, as coordenadas que o analista deve ser capaz de atingir (…) para ocupar o lugar que é o seu" (Lacan, 1960-1961/2010, p. 137), de oferecer um espaço desabitado de ser na transferência.

A cicatriz da castração se refere a primeira coordenada do desejo: a subjetivação da finitude que se realiza na análise e que permite ao analista operar com a lógica do corte. Não haver acordo ontológico entre o sujeito e o mundo (Lacan, 1958-1959/2016) é um saber produzido por essa travessia, que é fruto da elaboração de um luto. Lacan (1960-1961/2010) descreve esse luto como um saber sobre o objeto: que nenhum tem mais valor que outro. A subjetivação da finitude requer o luto na crença de ter no interior o *ágalma*[3] (Soler, 1992) ou de encontrar no mundo qualquer objeto que complete o sujeito ou faça a relação sexual existir.

Em *Variantes do tratamento-padrão*, Lacan (1955/1998) articula a formação do analista com a subjetivação do ser-para-a-morte e inclui nesse processo uma relação de suspensão com o saber. O autor recomenda ao analista não ter uma ideia muito elevada de sua prática e não "fazer-se de profeta de alguma verdade estabelecida" (Lacan, 1955/1998, p. 332). O analista deve reduzir seu narcisismo pela "subjetivação de sua morte" (Lacan, 1955/1998, p. 350). Essa condição se dá por "uma ascese que se afirme no ser por uma via em que todo saber objetivo seja mais e mais colocado em um estado de suspensão", até atingir o "ser-para-a-morte" (Lacan, 1955/1998, p. 351). O resultado desse processo é o "não saber" (Lacan, 1955/1998, p. 360) que é uma forma elaborada de relação com o saber.

Podemos pensar o estado de suspensão como a posição do analista diante do não saber estrutural e de sua relação com a falta-a-saber. Essa compreende tanto a abertura no estado suspensivo de "espera" (Lacan, 1960-1961/2010, p. 442) contida no silêncio do analista, de que advenha um saber inconsciente do paciente, como a noção, nos estudos, de que todo saber construído na forma do conceito tem um furo, como marca de seu próprio limite. Furo que não denota apenas sua falta de substância, mas que o torna operativo e interconectável a outros conceitos, na criação de uma rede conceitual, que produz o *pouco de sentido* da metonímia teórica. O conceito é furado, também porque ele é continente onde cada analista em formação precisa colocar algo de sua experiência singular na travessia de sua análise e das análises que dirige.

O ser-para-a-morte implica que é diante do confronto com a finitude que se desvela a falta de fundamento da existência e isso produz abertura na relação com o ser. O confronto com a morte coloca a existência no caminho das possibilidades mais próprias ao sujeito e permite o abandono de uma posição inautêntica de

3 No *Banquete* de Platão, Sócrates é comparado a um sileno, que era um tipo de estátua no mundo grego que não era muito bela, mas que era preenchida com um objeto divino.

refúgio nas banalidades do cotidiano, do palavreado vazio e da busca de novidades. A existência é atravessada por uma fratura desde seu surgimento e seu traço fundamental é a incompletude. Na condição de dejetada, é uma abertura a um campo de possibilidades finitas, pois só algumas se realizam e não em sua plenitude, de modo que a existência é essencialmente um movimento inacabado (Heidegger, 1927/2012).

Lacan entendia o ser-para-a-morte como um equivalente da assunção do desejo na castração (Alemán & Larriera, 2009). Nessa concepção, a abertura é um atributo essencial do ser e marca de sua falta de substância. Segundo López (2011), foi justamente sobre este pano de fundo ontológico que Lacan resgatou em Freud a divisão irredutível que afeta o sujeito em seu desejo. A subjetivação da finitude produz abertura para uma nova relação com o real, que segundo Fingermann (2016) é de natureza ética. Mas a abertura tem um caráter temporal de lançamento, em que a estrutura inacabada se projeta para um campo de possibilidades.

Segundo Lacan (1958/1998, p. 629), "o desejo é a metonímia da falta-a-ser", que é proposta como a política que orienta a direção do tratamento, a estratégia do manejo da transferência e o uso tático da interpretação. O termo pode ser lido em diversos sentidos, mas ressalto aqui a ideia de uma temporalidade aberta ao futuro: algo que é convocado a se projetar para a realização ao mesmo tempo em que mantém um tensionamento com o caráter irremediavelmente estático de uma falta originária. Se o ser não é pensado no plano da substância, mas no horizonte do tempo, há uma equivocidade entre o ser a falta, conforme essa afirmação de Lacan (1959-1960/2008, p. 376): "o arroio onde se situa o desejo não é apenas a modulação da cadeia significante, mas o que corre por baixo, que é, propriamente falando, o que somos, e também o que não somos, nosso ser e nosso não-ser".

O tempo do desejo é o tempo da antecipação, que exige o modo do adiantar-se às possibilidades mais próprias. Esta noção ajuda a compreender a dimensão temporal da falta-a-ser. Lacan teve uma influência da analítica existencial na noção de tempo na qual a antecipação tem um lugar fundamental. Em *O conceito de tempo*, Heidegger (1924/2003, p. 55) afirma que a "antecipação capta o trânsito enquanto possibilidade própria de cada instante". Em *Ser e tempo*, Heidegger (1927/2012) propõe que a antecipação do fim no ser-para-a-morte é fundadora de uma temporalidade autêntica. Como a existência é inacabada por estrutura, a antecipação é adiantar-se à situação em relação a qual se está em defasagem. O estado de abertura possui uma dimensão temporal que no desejo trata de sustentar.

A ética da psicanálise não é uma ética da realização, mas uma ética de sustentar a orientação em direção ao desejo, que não se realiza em sua plenitude, mas sempre de modo parcial e na linguagem. No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan (1959-1960/2008) propõe uma ética orientada pelas coordenadas do desejo. Em diferen-

ça à ética aristotélica da ordenação do "serviço dos bens" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 366), a ética da psicanálise implica uma orientação pela dimensão cômica e experiência trágica da vida. Para a ética da psicanálise o único bem é aquele que dá acesso ao desejo. O autor afirma que a relação do desejo com a ação se exerce na direção de um "triunfo do ser-para-a-morte" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 367). A ética da psicanálise é proposta na lógica temporal da antecipação como uma pergunta de juízo final: "agiste em conformidade com teu desejo? (Lacan, 1959-1960/2008, p. 367)" e com uma orientação: "não ceder de seu desejo" (Lacan, 1959-1960/2008, p. 376). Na orientação desta ética a ideia de "sustentar" a condição, não apenas de ser mortal e sexuado, mas de ser falante, é essencial:

> Sem dúvida a captura do homem no *logos* na combinatória fundamental que é sua característica essencial, inaugura a pergunta sobre o que significa que o homem seja necessário à ação do logos no mundo, mas resolvê-la compete a outros e não há mim. O que temos que examinar aqui é o que disso resulta para o homem e como o homem o enfrenta. A primeira formulação que nos ocorre é que é preciso que ele *sustente* isso realmente. (Lacan, 1958-1959/2016, p. 406)

No seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2016) propõe o desejo como um horizonte possível de realização do ser. "Devemos reconquistar o terreno perdido do ser do sujeito" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 405). Esse é o modo como o autor desenvolve nesse momento o "*Wo Es war, sol Ich werden*" freudiano. Ao elaborar o grafo do desejo no seminário *As formações do inconsciente*, o autor propõe o chiste como uma realização parcial do desejo como ato de linguagem, que se produz no segundo andar do grafo. No seminário *O desejo e sua interpretação*, Lacan (1958-1959/2016, p. 43) afirma que "o que encontramos no segundo andar é um apelo do ser, emitido com mais ou menos força". O autor qualifica este andar superior como "o verdadeiro discurso do ser" (Lacan, 1958-1959/2016, p. 44). Se Aquiles não alcança a tartaruga, sempre pode se aproximar um pouco:

> (…) na sua origem, o desejo, *d*, se manifesta no intervalo, na hiância que separa a pura e simples articulação linguageira da fala daquilo que marca que o sujeito aí realiza algo dele mesmo, algo que não tem alcance, que só tem sentido em relação a essa emissão da fala, algo que é seu ser. (Lacan, 1958-1959/2016, p. 26)

O próprio tratamento analítico, afirmam Alemán e Larriera (2009), é uma experiência de realização do ser pela linguagem, pois seu fim é colocar o *parlêtre*

no caminho da *lalangue*, a língua mais própria de cada um, que faz ressoar as experiências primordiais das realizações do sujeito na linguagem. Por isso, Lacan (1974/2003, p. 539) afirma em "Televisão", o que se deve extrair da prática analítica é "a ética do Bem-dizer", argumentando que "só ex-sistem discursos" e por isso a "ética é relativa ao discurso". A palavra "bem" poderia aparentar remeter a ética aristotélica, mas aqui se refere ao posicionamento do falante segundo as coordenadas do desejo. A ética da psicanálise é uma ética do sustentar o desejo e isso inclui sustentar a enunciação e o dizer.

Não *ceder do desejo* é sustentar o estado de abertura e suportar o gume mortal que há em cada decisão. Na formação é sustentar o não saber que se experimenta e construir algo com isso. É a partir disso que alguém pode realizar algo do desejo e sustentar um dizer singular.

Os princípios do cartel e a ética do desejo

O cartel é uma aposta para a subjetivação e avanço da teoria e é indissociável da experiência de uma Escola de psicanálise proposta por Lacan, desde sua fundação em 1964. Em sua última formalização em "D'écolage", Lacan (1980a, p. 51) propõe cinco normas de funcionamento para o cartel como "órgão de base" da Escola: 1) quatro se escolhem para levar a cabo um trabalho que é de cada um; 2) os quatro se conjugam ao redor de um que exerce a função de mais-um, responsável por cuidar dos efeitos internos e provocar sua elaboração; 3) para evitar o efeito de cola, deve haver permutação no prazo máximo de dois anos; 4) espera-se uma periódica exposição dos resultados e das crises de trabalho; 5) sorteio para assegurar a renovação e vetorização do conjunto. Embora não pareça muito claro o que significa sorteio nesse momento, a regra da permuta somada ao sorteio, tem como objetivo impedir que sejam sempre os mesmos quatro e, inserindo aleatoriedade na equação, possibilitar que o funcionamento dos cartéis "se agite em turbilhão" (Lacan, 1980b, p. 55). Na base dessas duas regras está a lógica da dissolução que as preside.

Podemos, então, definir os princípios do cartel deste modo: norma da composição, a lógica da dissolução, a função do mais-um, a responsabilidade solidária pelo funcionamento do dispositivo e o risco da produção individual. Esses princípios concernem às coordenadas do desejo: a norma da composição e a dissolução se articulam com a subjetivação da finitude; a função do mais-um com o estado da abertura e o risco da produção individual com a noção do desejo como horizonte de realização. A responsabilidade solidária pelo funcionamento se articula com a função de sustentação, que é fundamental na ética da psicanálise.

A *norma de composição*[4] é coerente com a estrutura da teoria psicanalítica na qual Lacan sempre insistiu na importância do quatro. Para tomar alguns exemplos, o falo como quarto elemento do Édipo, a estrutura quaternária do grafo do desejo e dos esquemas, o quatro como elemento mínimo de significação, a importância do grupo de Klein e por último, a estrutura do nó borromeano, que Lacan (1974-1975) articula com a composição do cartel. Segundo Dunker (2004), se esse argumento da composição do cartel baseada na afinidade com a teoria é frágil, por se tratar de uma analogia, podemos pensar a questão pela lógica dos efeitos no coletivo, onde é possível delimitar quatro como o número mínimo de elementos para se extrair um efeito de subjetivação, similar à temporalidade do aforismo dos três prisioneiros. Nessa lógica, os efeitos de sujeito se diferenciam do indivíduo por um lado, e do grupo por outro, como produto do trabalho coletivo. Lembrando que no aforismo está presente a temporalidade da antecipação que é o tempo do desejo, esse parece um bom caminho para pensar as razões do privilégio do quatro.[5] Nesse sentido, podemos pensar a norma da composição, não como resposta, mas como uma pergunta contida na aposta: a lógica borromeana se sustenta na dimensão coletiva da formação dos analistas?

A norma da composição, que poderia até parecer uma analogia arbitrária, é uma regra que, como lembra Furtado (2025), foi submetida à prova em diversas variações na experiência da Escola por muitos anos. O limite numérico na composição produz um corte ao refúgio no anonimato do grupo mantendo cada sujeito responsável pelo seu dizer e introduz a dimensão da finitude, tanto na solidez do indivíduo, como no acoplamento expansivo na massa.

A *lógica da dissolução* tem o objetivo de evitar a cola (Lacan, 1980b). Colar é um modo de negar a "inexistência da relação sexual" e na prática analítica é a própria contratransferência, quando o analista ocupa o lugar de complemento imaginário à demanda do paciente. A dissolução induz a subjetivação da finitude no cartel. De acordo com Machado (2004) o limite temporal no cartel aloca a castração no cerne do funcionamento da Escola. A antecipação do fim, introduz a função da pressa e a precipitação dos efeitos de sujeito, como são os momentos de compreender e concluir. O tempo é uma dimensão essencial do sujeito do desejo (Quinet, 2009) e a dissolução iminente permite o empuxo da insuficiência à antecipação (Prates, 2019) na qual algo se produz.

4 A lógica do nó borromeano é (x) = 1. Quanto ao número no cartel, Lacan (1975, p. 63) propõe "três mais uma pessoa e não ousei ir além de cinco (…) considero esperável que tenha de quatro a seis".

5 Lacan (1975) afirma que o dois e o três são poucos para a composição do cartel, mas que o quatro é desejável por razões de estrutura, mas que ainda falta situar suas razões.

A antecipação, como apropriação singular do tempo, sobre o fundo estático da falta é o modo fundamental da temporalidade do desejo. O corte na dissolução deixa a marca do inacabamento, pois o fluxo sempre é rompido antes do fechamento de uma totalidade. Esse inacabamento remete a dimensão da abertura do desejo e propulsiona o lançamento de questões renovadas. Com cada nova questão, o cartel cumpre a missão de "sustentar" a função do *insabido* (Gatto, 2004) na Escola.

A *função do mais-um* é definida por Lacan (1975, p. 49) pela expressão "infinitude latente", que remete a dimensão de abertura do desejo, sobre o fundo estático da falta. A *infinitude latente* é a manutenção da abertura diante do *fim iminente* da dissolução. Com a presença de sua falta-a-ser o mais-um permite que cada um faça a experiência de que não há Outro fiador de seu desejo. Em sua função, não em sua pessoa, o mais-um é responsável pelo enodamento do cartel. A identificação dos quatro deve se dar com o furo que o mais-um representa, como furo no saber. O furo, o "coração do nó" borromeo, é o lugar onde Lacan (1974-1974, p. 65) situa o desejo. É nesse lugar que Lacan (1975, p. 65) fez a aposta de que a conjunção dos três possa compor um "furo turbilhonante" do movimento metonímico do desejo.

Quanto ao *risco da produção de cada um*, Lacan (1958-1959/2016, p. 280) afirma que o acesso ao desejo se dá com "a condição de que seja mortal". Essa passagem se refere ao risco subjetivo que comporta o engajamento no desejo, que é de natureza ética. A aposta no horizonte de realização do desejo inclui os efeitos subjetivos do cartel na formação, a construção de questões e a confecção do produto no final. De acordo com Leymarie (2020) a dimensão do risco em um cartel representa justamente a marca do desejo em um trabalho decidido. Não existe engajamento no desejo sem risco.

A questão é o modo singular de cada um fazer amarração no coração do cartel, pois ela porta uma falta-a-saber do sujeito, correlata a falta-a-ser, que tem raízes no inconsciente. Segundo Branaa (2020) a questão de cada um deve estar no centro do cartel, pois é ela que aponta a falta que movimenta o desejo de saber.

Os efeitos de sujeito, de cada nova conexão conceitual, de antecipação no tempo de compreender ou concluir, são pequenos passos de Aquiles em direção à tartaruga. O produto textual, em sua forma fundamental de inacabamento é modelo de uma realização parcial de desejo na linguagem. Ambas as modalidades de realizações parciais são tessituras do *pouco de sentido* de uma prática que se orienta por coordenadas éticas. O produto também é o modo de sair da proteção do isolamento e expor as elaborações ao céu aberto da escola.

A *responsabilidade solidária* pelo funcionamento concerne, por um lado, à sustentação como um elemento essencial à ética do desejo, por outro, a dimensão do

trabalho com alguns outros. O cartel não é um lugar muito confortável, pois não se recebe nada pronto. Ninguém fica em um cartel se aí não se engajar com seu desejo, sem o qual nada acontece. É uma experiência que é preciso sustentar e por isso se refere à ética do desejo.

Quando um cartel funciona, afirma Gimeno (2007, p. 9), sustenta o dizer de cada integrante e para que um cartel se sustente, é necessária "a ética da psicanálise se encarnar em seus componentes" e ser vivida também "nos pequenos atos onde os analistas em formação se reúnem". Aqui a autora toca em dois pontos importantes: a ética não é um conteúdo a absorver, mas uma experiência encarnada a realizar com outros. O dizer, que se refere a ética, tem como condição de possibilidade que alguém o possa ouvir.

Retomando a questão lançada na introdução: se é na análise que ocorre a transformação subjetiva no desejo do analista para que esse possa operar com sua falta-a-ser na transferência, qual a importância do cartel e da relação com os pares em uma formação analítica? Há no desejo uma forte dimensão de busca e de abertura, que não combina com o enclausuramento ou com ser "suficiente". A abertura à alteridade é uma dimensão fundamental da ética. O que justificaria um analista fugir de sua condição de *ser-com*, que se constitui em relação e que precisa fazer laço social para existir e ser um *isolado*? Isso não seria apenas um modo de se proteger da relação com a alteridade, do inferno daquilo de si que se projeta no outro? Isolar-se é um modo de defesa comum para quem não consegue não "colar" e saber não colar é essencial para ocupar o lugar da transferência.

Se um analista se autoriza de si e de alguns outros, sendo um isolado ele não corre o risco de responder a uma "ética de solteirão"? Na mesa de trabalho, mirando as coordenadas teóricas como estrelas no firmamento, sem colocar o pescoço no risco da navegação? De acordo com o modelo da autenticação do chiste, para determinados efeitos subjetivos, é necessário ao falante que o interlocutor seja um sujeito real (Lacan, 1957-1958/1999). Essa é uma conclusão lógica para pensar efeitos de sujeito que se constitui de modo relacional.

Como experiência de trabalho coletivo do conceito, o cartel traz a oportunidade de uma relação mais autêntica com a teoria. Ele proporciona as condições para uma busca orientada pelo desejo na forma da falta-a-saber como abertura que movimenta cada um em seu percurso. Tomando o modelo da diferença fundamental entre o que seria o plano ôntico do fechamento nas objetivações e o plano ontológico de abertura ao ser, podemos situar a ética de Aristóteles no primeiro e a ética da psicanálise no segundo. Assim, em diferença ao que seria uma formação orientada pela ética do ordenamento dos bens, o cartel não oferece o refúgio no acúmulo de créditos, coleção de certificados, conquista de

diplomas ou busca de novidades no mercado educacional. O cartel oferece a estrutura para a criação de um percurso ético de formação que concerne ao ser em sua falta.

Considerações finais

O mundo moderno, com a noção de indivíduo, pode dar a impressão de que a construção do conhecimento é algo que concerne ao indivíduo. Muito longe disso, a construção do conhecimento tem uma dimensão fundamentalmente coletiva. Tanto a produção do conhecimento quanto a subjetivação por cada um são produtos de uma rede de relações com seus efeitos de diferença. Participar de um cartel é um modo de se acercar às limitações do saber, das limitações pessoais no trabalho com outras pessoas, e da insuficiência dos atos comunicativos, para que cada um possa se situar em sua finitude e diante do real nas relações sociais.

Se a ética da psicanálise implica sustentar o desejo em sua abertura, a falta-a--saber, como dimensão essencial da falta-a-ser na formação, só pode conduzir à pesquisa e ao trabalho. Há uma lógica coletiva comum na ética e na construção do saber, onde os atos comunicativos com suas limitações são essenciais para produzir algo diferente de um espelhamento: a ressonância das diferenças.

Referências bibliográficas

Alemán, J. & Larriera, S. (2009). *Desde Lacan: Heidegger – textos reunidos* (*Spanish edition*). Malágara: Miguel Gomes Ediciones.

Branaa, A. C. (2020, maio). Os cartéis na Escola. O cartel, um dispositivo inaudito para fazer laço de Escola a partir do não partilhável. *Wunsch* (20). Boletim Internacional da EPFCL.

Dunker, C. I. L. (2004). Por que 4 + 1 para o cartel? In B. Guatimosin (Org.), *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

Fingermann, D. (2016). *A (de)formação do psicanalista: as condições do ato psicanalítico*. São Paulo: Escuta.

Furtado, L. A. (2025, 3 de setembro). *Cartel: dispositivo de Escola* [conferência online]. Atividade da Comissão de Cartéis do FCL/MS, Campo Grande, MS, Brasil.

Gatto, C. (2004). O cartel e os laços sociais. In B. Guatimosin (Org.), *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

Gimeno, B. S. (2007, julho). Cartel! … para não dormir sobre os louros! *Wunsch* (6). Boletim Internacional da EPFCL.

Heidegger, M. (2003). *O conceito de tempo*. Lisboa: Fim de Século. (Conferência original proferida em 1924)

Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo*. Campinas: Editora da Unicamp; Petrópolis: Vozes. (Trabalho original publicado em 1927)

Lacan, J. (1974-1975). *O seminário, livro 22: R.S.I*. Versão para circulação interna.

Lacan, J. (1975). *Jornada de cartéis da École Freudienne de Paris*. Texto em português pela Comissão de Publicações da Escola de Estudos Psicanalíticos.

Lacan, J. (1980a). D'écolage. Seminário 27: dissolução. In *Documentos para uma Escola*, *1*(0). Escola Letra Freudiana.

Lacan, J. (1980b). Senhor A. Seminário 27: dissolução. In *Documentos para uma Escola*, *1*(0). Escola Letra Freudiana.

Lacan, J. (1998). Variantes do tratamento-padrão. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1955)

Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)

Lacan, J. (1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura da personalidade. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1961)

Lacan, J. (1999). *O seminário, livro 5: formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1957-1958)

Lacan, J. (2003). Televisão. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)

Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 7: a ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1959-1960)

Lacan, J. (2010). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)

Lacan, J. (2016). *O seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1958-1959)

Leymarie, C. (2020). O cartel: arriscar-se à psicanálise. *Wunsch* (20). Boletim Internacional da EPFCL.

López, H. (2011). *Lo fundamental de Heidegger en Lacan* (2a ed.). Buenos Aires: Letra Viva.

Machado, Z. (2020). A Escola e seus dispositivos: uma subversão operada por Lacan. In B. Guatimosin (Org.), *Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano*. Salvador: Associação Fóruns do Campo Lacaniano.

Prates, A. L. (2019). O cartel e a lógica da dissolução. In S. A. Steinberg, R. B. Volegaar, I. Napolitani, & G. Armando (Org.), *Cartel em questão*. São Paulo: Escuta/FCL-SP.

Quinet. A. (2009). *A estranheza da psicanálise, a Escola de Lacan e seus analistas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
Soler, C. (1992). *Lacan y el Banquete*. Buenos Ayres: Manantial.

Recebido: 28/02/2026

Aprovado: 03/08/2026